

Um dia de Glória

I

O sol nasceu às 06:34 na baía de Guanabara. Os números vermelhos do rádio-relógio coincidem com os ponteiros imensos da Central do Brasil. O das horas mede 5,35m e o dos minutos 7,5m. Ouvira essa informação na rádio. Em vinte minutos tudo pode mudar. Mas não agora e não ali.

O sol não nasce de uma vez. É um ovo que sai da cloaca de Deus. Muito lentamente. Antes dele uma claridade anunciando a chegada.

Antes dele, vinha o seu perfume. Antes do perfume, algo que a punha em alerta. Sua aproximação denunciada pelo barulho das solas dos sapatos no corredor do andar, ou bem antes, não saberia dizer. Sentia-o ainda na rua. Últimos retoques no cabelo. Olhada rápida no espelho.

A torre ao fundo, num canto da moldura o Morro da Providência, um pedaço da ponte Rio-Niterói, num anúncio imenso nas costas de um prédio, em primeiro plano, uma atriz sorrindo com a mão num gesto imitando um telefone. Faz um 21. Tem uma mancha no vidro dessa janela. Já não importa.

Sentada numa cama de casal, num quarto sem móveis, Glória percebe a progressiva invasão da luz do sol no chão do apartamento que não mais será seu. Antes que um imenso arrependimento suba como um vômito, ela repete mentalmente que fez a coisa certa, que aguentou o quanto pode, que o homem da corretora disse que foi um ótimo negócio e que a venda ocorreu num momento de valorização.

Não sente sono. Apenas vontade de continuar fumando. Precisava esvaziar o cinzeiro. Maço e estômago vazios. Tomaria um café. Mas só de pensar em ter que tirar a cafeteira de uma das caixas de papelão lacradas com fita isolante, de qual delas, já a faz desistir. Se tivesse cigarro nas caixas, com certeza ela as poria de ponta cabeça até encontrá-lo.

Humberto detestava cigarro. Me fez jurar que quando a gente comesse a namorar, ele nunca mas me veria com um cigarro na boca. Jurei e cumpri com a minha palavra. E por causa disso, tive que fumar às escondidas, tomando cuidado em eliminar as provas do meu crime. Fumava no banheiro, quando ele estava no apartamento, como uma adolescente com medo dos pais, e ele nunca descobriu.

Um início de enxaqueca. Sente o pulsar das veias na lateral da cabeça. Melhor comer algo. Tem torrada e geleia na cozinha. Depois eu como. Lembrou-se com espanto que dormira com a pia repleta de pratos sujos. Logo ela, que tanto se orgulhava de nunca ter deixado a louça para o dia seguinte. Logo ela. Mas isso também já não importava.

Deitou-se na cama, no lado esquerdo. Ainda dormia usando um lado só. Ainda se flagrava de madrugada a mão apalpando o outro lado. A mão cega, burra e teimosa.

Sentiu o corpo dolorido ao se levantar. Quanto tempo passara sentada quase sem se mexer? Cinco cigarros.

A essa hora o “Gosto Bom Bar” já abriu. Comprar um maço de cigarros e tomar um café. Precisava de um tylenol também. Levantou-se, sentiu os pés formigarem, dedinhos gordos. Abriu a porta do armário embutido, cabides solitários. Aquele armário não era mais seu. Impessoalidade de um quarto de hotel. Procurou se havia um cofre ali. Surpreendeu-se ao constatar que o armário repousava convicto na sua altivez de jacarandá. Era ela que não fazia mais parte daquele quarto.

Abriu as gavetas com cuidado e curiosidade. Bolinhas de naftalina. Gavetas forradas com papel florido. Ao puxar a penúltima, notou um barulho diferente, um frasco de perfume vazio desceu para a parte de baixo da gaveta. Kourós!

Naquela hora, o vagão do metrô não estava cheio. Foi com alívio que se sentou num dos assentos vazios. Apoiou a pesada sacola cheia de tecidos entre os pés e segurou a bolsa contra o peito. Distraída, pensando nas almofadas que aqueles tecidos iriam virar, notou o olhar de um homem sentado bem a sua frente, mais velho do que ela, careca, num terno cinza, a olhando insistentemente.

É a mim que esse homem tanto olha? Sim, ele nem disfarça. Será que ele me conhece? Mas de onde? Já tá ficando inconveniente. O metrô hoje parece se arrastar. Olho para os lados, sinto um calor no rosto, de rabo de olho confirmo: ele não desvia o olhar. Até que ele não é feio, né? Será que é casado? As mãos nos bolsos não deixam ver se usa aliança. Pode estar escondendo o jogo. Desconfortável, decido encará-lo também. Vejamos quem desvia primeiro o olhar. Logo eu, que não seguro o olhar de um ator no palco. Logo eu. Franjo minhas sobrancelhas para o desconhecido que sorri. Sorrio de volta. Escapou! Danou-se. Agora ele vai achar que estou dando confiança. Desço na próxima, ainda bem. Tem um sorriso bonito, faz covinhas quando ri. Deve rir pra qualquer uma, vou me fazer

de boba, de que não é comigo. Levanto para descer, todos os meus gestos se tornam artificiais.

Consigo sair do vagão sem olhar para trás, ouço o barulho das portas se fechando e do metrô partindo. Sinto um perfume cada vez mais intenso se aproximando, como se me envolvesse num abraço...

“Glorita, buenos días!”, um grito de fora do apartamento. Abro os olhos lentamente. Estou com o vidro de perfume bem embaixo do nariz. Inspiro longamente e seguro o ar dentro de mim até não aguentar mais e ter que respirar. Tampo o frasco com cuidado. Passou a dor de cabeça. Devolvo o perfume à gaveta. Vou à janela. Olhando para fora, do lado esquerdo, vejo Lola me dando tchauzinho, unhas pintadas de violeta. Faz um sinal com a mão para que eu espere. Lola desaparece e logo depois ressurgue, braços estendidos, as mãos segurando um bolo. Sorri, dentes separados.

“Pode vir. Só vou passar uma água no rosto.”

Glória vai ao banheiro, lava a face, escova os dentes e coloca um casaquinho por cima da camisola.

Três batidinhas na porta. Glória abre. Magra para tantos peitos, uma franja lisa esconde as sobrancelhas, um salto a deixa ainda mais alta. Entrega o bolo de chocolate com nozes e ainda na soleira da porta, pigarreia, malditos cigarros, e solta um vozeirão que ecoa pelo apartamento vazio e pelos corredores labirínticos do prédio: “No pretendo ser tu dueño, No soy nada yo no tengo vanidad, De mi vida doy lo bueno, Soy tan pobre que otra cosa puedo dar. Pasarán mas de mil años, muchos más...”

Termina o trecho com um tan-tan-tan e um mover dos parques quadris. As inimigas chamavam-na de “Lola só os ossos”.

“¿ Te gustó? Ahora, imagina con aquel vestido que você me fez, a maquiagem, e otro cabelo, é todo de bom. Hum?” Glória continua calada. “Glorita, amorzito, que

mala cara, esqueci, hablando solo de mim, de mim, estúpida, estúpida!” – bate na testa, uma das unhas se solta. Lola recolhe a unha postiça que caiu em cima do tapete.

“Entra. Tem um cigarro?”

“Ser mujer cansa! ¿Cómo lo suportas?”

Lola descalça os sapatos, enfia os dedos entre os seios e tira de lá um maço de cigarros Marlboro Light e o celular. Glória perscruta o corredor vazio segurando a porta, ali parada, como se ainda esperasse que alguém surgisse no elevador. “¿Dónde está el encendedor, cariño?” “O isqueiro? Na bancada da cozinha, acho.” Glória respondeu ainda de costas, e porque o bolo pesava nos braços, fechou a porta.

II

...

¿Seguro? Corto pra você. Um pedazito de nada, hum? (*Si ella no come, lo llevaré para mi casa, R\$24,90, y ella siqueira probó un bocado.*) Fresquinho, hecho hoy. Coma um pedaço!

Depois, me dá outro cigarro. (*Tomara que ele não deixe cair farelos na cama. Humberto era tão preocupado com isso. Restos de comida chamam barata. Tudo sempre muito limpo e no seu lugar. Mandava um rapaz limpar a janela uma vez por semana*).

Tómallo. (*Se han acabado todos mis cigarillos. Pero no come nada. Tiene ojos de carnero degolado.*) Por lo que veo, ya está todo listo para a mudança. Parece tan más grande o apartamento. Vou sentir a saudade. (*Tengo que buscar otra modista. Una otra que también no me cueste un ojo de la cara.*) Costureira igual a você no conozco. Y además, eres la única persona del prédio con quien me entiendo. Desde o início, quando viniste pra cá. ¿Cuántos años tiene eso? ¿Ocho?

Nove. Mais um pouco e seria uma década. Se Humberto não tivesse morrido. (*Se ele não tivesse morrido, eu não teria que vender tudo. Os móveis sendo levados por estranhos, a preço de banana*).

¿Todo eso? Como o tempo passa. ¿ No es verdad? (*Ya sería un niño de diez años*).

Exceto os dois últimos anos...

Me recuerdo de la primera vez que hablamos.

Eu ainda estava montando o apartamento depois da reforma.

Lupita escapó por la puerta mientras yo sacaba la basura. Segura lupiiiiita! Mas él passou por sus piernas e eu quase te atropelei. Tava desesperada. Depois pedi desculpas e você convidou a um café.

Não era a primeira vez que fugia, né?

Sí, los machos siempre acaban huyendo de mim. Ai, Lupita, ¡que dios lo tenga! No foi nada barato. Pelo preço de aquele shih-tzu trocava mis próteses. Ahora no tengo nada. Perdi los três. Tem alguna bebida?

Acho que ainda tenho um pouco de vinho moscatel.

Sirve. Ya morri dos vezes. La primera quando minha mamá murió, la segunda cuando perdi Lupita, na terceira muero em definitivo. La muerte no me assusta. No será novedad. Más um pouco de champagne, así, así “Champagne per um dulce segredo, per noi un amore proibito, ormai resta solo un bicchiere ed un ricordo da gettare via.” ¿Estás llorando, Glorita?

O que você acha? *(Ele foi cantar justamente a minha música com Humberto. Veio comparar minha desgraça com a dele para se sentir menos infeliz.)*

Todo te hace pensar en él. *(Sí, ella todavía sufre.)* Perdóname.

Deixa pra lá. *(Quando é que isso passa? Queria ficar sozinha. Será que ele vai demorar? Nossa, já passou do meio-dia!)*

¿Decidiste quedarse na casa de su mamá en Paracambi?

Sim, ela já tá bem velhinha. É melhor que alguém fique com ela.

Si mi mamá estuviera viva yo no lo pensaría dos veces. Pero, ¿vuelve a visitarme, sí?

Não sei se vou conseguir voltar a esse prédio.

Bueno, si es así, puedo visitarte, o mejor, venga a mi show e depois tomamos algo en Lapa. ¿Que te parece?

Pode ser. Agora corta um pedacinho pra mi, por favor. Tá bom, tá bom assim, não tô com fome. Vou almoçar daqui a pouco. E você, Lola, terminou de vez com o Jonathan?

Sim, desta vez para siempre.

Melhor, vocês brigavam tanto.

Celos.

Ele era muito ciumento mesmo.

Ayer hablé con él para que viniera buscar sus cosas.

Não consigo me desfazer dos pertences de Humberto.

Le dijo que más un día los tiraría todo por la ventana. Ya no tengo más su número en mi celular. Tampoco nuestras fotos. Menos una.

Uma foto com ele?

No, las fotos con Jonathan ya excluí. Esa é só dele, una parte... Termino com la botella? É la foto do pau. Esa yo no consigo apagar. Es mais fuerte que yo.

Quer que eu apague pra você?

¡No! No estoy pronta ainda. Voy apagar um dia. A veces la miro, cuando me quedo triste. Lo sé que tan pronto delete esa foto, estarei libre. Mira, Glória, ¡Que verga perfecta! Como esa no lo hay.

Prefiro não ver.

Dicen que las mujeres que no trepan durante mucho tiempo vuelven a ser virgens. Dos años no son dos meses. Hay que moverse.

Quem te disse que eu quero me mover?

Desculpa, no está aqui quien falou. Era una broma, apenas. (*Hoy está que muerde!*)

Você vai me entender quando perder alguém que ame de verdade.

Toda las veces que amé fueran de verdad, mismo por una noche los amé por entero. (*Hablemos de ilusiones.*) Hablemos de Humberto.

O que tem ele? (*Ele nunca se deu com o Humberto. Nem Humberto com ele.*).

No es nada. (*Un angelzito inocente*)

Agora que começou, termina. (*Eu não devia ter contado*).

Humberto no quiso el hijo. Pedí, entonces, el niño y no me lo diste. Eso porque Humberto tampoco se lo permitió.

Tava demorando pra voltar a esse assunto, a criança que eu perdi. Um problema nos meus ovários. Quantas vezes eu preciso repetir?

Una mentira que se cuenta mil veces no se torna verdad.

Você acredite no que quiser! Não me importa e não muda em nada minha situação. (*Um cansaço, como se carregasse um anão todos os dias nos ombros.*) Agora, Lola,

não me leve a mal, mas eu prefiro ficar sozinha. Ainda tenho que arrumar algumas coisas e receber o caminhão da mudança mais tarde.

No era así que quería me despedir. No suporto despedidas. Nunca son como el en cine, un tren que parte lleno de fumaça, alguien que se queda en la platataforma acenando con un pañuelo. Discúlpame, y se metí la pata es porque te quiero mucho. Te deseo suerte y no me quieras mal por lo que falei.... Ai, mis ojos ya empiezan a arder. No digo más nada.

Não fiquei chateada com você. (*Só um pouco. Depois passa*).

Si quieres, vuelvo para quedarte contigo al fin do dia...

Prefiro fazer isso sozinha. Às 19h, eu vou deixar a chave na portaria conforme combinado. Sobrou bolo, Lola.

Dejálo contigo. Pero, llámame antes de salir. ¿Prometes?

Prometo.

III

Restos de um frango assado. Enquanto termina de lavar os pratos, Glória observa as paredes da sala agora tão brancas. A taça de cristal orgulhosa e resistente. Metade vazia ou metade cheia? Apenas metade suja com um resto de vinho. Entorna a bebida na pia. O rubro líquido vai embora pelo ralo. Passa a esponja com detergente por dentro da taça com delicadeza, enche-a de água e de espuma, a esvazia, deixa a torneira aberta, “somente a família pode subir pra visita”, volta a passar a esponja, “Ordens da esposa. A senhora é o que do paciente?”, raspa o bojo agora com a parte verde da esponja, range os dentes, “O seu nome não consta na listagem das pessoas autorizadas”, a espuma apenas esconde por um momento a mancha, fricciona com força a superfície fina da taça que grita naquele apartamento vazio, “em coma induzido”, a torneira ainda aberta, o reflexo distorcido como um espelho mágico na taça de cristal, otária, muito otária, num movimento brusco, lança a taça que se espatifa contra a parede da sala.

O sol se pôs hoje às 18:36. O trânsito na Presidente Vargas segue engarrafado e ruidoso.

Um pouco antes, assustou-se toda com o badalar dos sinos da igreja que lhe parecia anunciar o Apocalipse. Recolheu os seus cacos de vidro e de vida. Até ali fora obediente. Mas sentou-se no chão da sala, só mais um tempinho suplicou a si mesma, desconfiou que não teria coragem, que estava grudada ao piso de madeira, que não deixaria que os novos proprietários entrassem, que rasgaria o contrato e pagaria a multa, Madalena arrependida, sim, era covarde, não sabia que seria tão difícil, culpou Humberto e logo em seguida o perdoou.

Precisava de uma mão que a ajudasse a levantar, balbuciou o nome de Lola, mas viu que não servia, que o gesto final tinha que ser dela. As malas impacientes paradas em frente à porta. O apartamento mergulhava de vez na penumbra. O interfone tocava. Lola bateria na porta. Eram os últimos minutos ali. Fechou os olhos, faria assim: se levantaria, deixaria os cacos num canto da cozinha, abriria a porta, deixaria as malas fora e se despediria de Lola que já estaria no corredor acenando com um lenço. Abriu os olhos, se levantou, jogou os cacos num canto da cozinha, abriu a porta, colocou as duas malas para fora e sem dar uma última olhada para dentro, pois isso a transformaria em pedra, trancou o apartamento.